



Usos práticos do passado: diretrizes para o futuro

O lançamento da 23ª edição da Revista *Temporalidades* marca a troca do conselho editorial do periódico que permaneceu como gestão da revista no último ano e por 4 edições. Alcançarmos essa marca nos inspira a refletir e, de certa forma, elaborar um pequeno balanço sobre o conteúdo produzido pela Revista durante este período sem, no entanto, perdermos de vista as aproximações com a temática do dossiê lançado no dia 31 de maio de 2017.

Esta gestão foi responsável pela publicação de quatro edições da revista: *História e Historiografia da Ciência: abordagens possíveis* Vol. 8, n.1 (jan./abr. 2016) e recebeu a contribuição de 8 artigos para o dossiê e 17 artigos livres foi a maior edição em número de páginas e textos. A edição 22 Vol. 8, n.2 (mai./ago. 2016) intitulada *Para além das fronteiras: histórias transnacionais, conectadas, cruzadas e comparadas* foi a primeira edição da revista a ser lançada através do uso da plataforma Open Journal Systems – OJS para adequar nossa revista às recomendações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Em 31 de Janeiro de 2017 foi lançada a 22ª edição da revista, *(In)Tolerâncias religiosas: práticas modernas e problemáticas contemporâneas* (vol.8, n.3, set./dez 2016), temática relevante não só para o nosso presente em que as questões religiosas afetam diretamente à laicidade do Estado mas também por lembrarmos o 500º aniversário da Reforma Protestante, evento que contribuiu para alterar definitivamente as relações sociais e culturais no horizonte do ocidente.

Por fim, nos despedimos de nossas funções editoriais lançando com muita alegria o número 23 da Revista *Temporalidades Usos práticos do passado* (vol.9, n.1, jan./abr 2017) movidas (os) pela inquietação da atual conjuntura política e refletindo sobre o papel da História, buscamos propiciar um canal de divulgação de pesquisas que demonstrassem justamente o movimento de apropriação do passado pelo presente.

Não só de artigos para o dossiê esta revista se compõe mas convidamos às leitoras e leitores à apreciação dos artigos livres e resenhas que integra à edição 23 do periódico. Nas resenhas, Marcos Vinícius Gontijo Alves apresenta a obra de autoria da professora titular da casa, Heloisa Starling e de Lilian Schwarcz titular do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, *Brasil: uma biografia*. E Igor Lemos Moreira apresenta *Nosso Amplo presente – tempo e a cultura contemporânea* do professor alemão Hans Ulrich Gumbrecht. Ambas resenhas convidam a (o) leitora



(o) a se debruçarem sobre obras que refletem sobre o passado a partir do presente e encaixam-se perfeitamente na proposta desta edição da Revista *Temporalidades*. Como artigo livre *Das formas de sertão: diálogo entre história, literatura e fotografia* de forma a conciliar diferentes tipos de fontes, Eudes Marciel Barros Guimarães analisa a construção da ideia do sertão brasileiro. *A folia das barragens: Tempos discursivos de atingidos por hidrelétricas no Vale do Chopim* da autoria de Roberto Luiz Pocai Filho e Robson Laverdi aborda por meio da história oral a memória recente de populações marcadas pelo assombro da construção de hidrelétricas e barragens. O texto cria essas narrativas, tirando as do apagamento e nos dá outra perspectiva das crises energéticas brasileira do fim do século XX. Glauber Eduardo Ribeiro Cruz no artigo *A luta parlamentar do movimento Diretas Já: o vazio historiográfico sobre a atuação dos deputados federais do Partido dos Trabalhadores* também busca fazer um balanço historiográfico apontando o vácuo das narrativas de história sobre a construção do movimento pelo voto direto no Brasil pós abertura política. Também abordando o tempo presente, ainda mais recente, Rafael Trindade Pellegrini no artigo *Uma análise histórica sobre a organização WikiLeaks em 2010* e traz uma importante reflexão sobre como não só o passado, mas também o presente se molda em função de interesses políticos futuros e expõe a engenharia política por detrás deste movimento.

Renata Silva Fernandes propõe a análise da administração imperial do Brasil em comparação com o sistema francês de gestão em seu artigo *O modelo de administração departamental francês e a organização das províncias do Império do Brasil (1823 – 1834)* e baliza os impactos da França pós-revolucionária nos Estados latino-americanos dissecando a forma organizativa imperial. Em *O debate científico em torno do espiritismo mexicano na segunda metade do século XIX. O exemplo de Liceo Hidalgo* que utilizando periódicos como fontes, Luiz Felipe Santos Batista apresenta as tensões entre positivistas e espiritualistas e seus debates ao redor da intelectualidade mexicana. Também por meio do jornal como fonte o texto de Leopoldo Leal Martins da Silva, Gabriela Hahn Francisco e Charles Sidarta Machado Domingos intitulado *A repercussão da deportação de Olga Benário na imprensa brasileira* delinea a reação da imprensa à dramática postura de Vargas em relação à militante do Partido Comunista Brasileiro chamando a atenção de que a deportação aconteceu antes do período do Estado Novo que a historiografia tradicional aponta como momento de mais aguda perseguição política aos adversários de Getúlio.

Quem eram as bruxas de Gardner de Jeanluis Duarte discorre sobre a construção discursiva de Gerald Gardner e os argumentos de ancestralidade e tradicionalismo a respeito da sobrevivência



de cultos pagãos na Europa apesar da milenar cristianização do continente. *Teologia moral e justiça na obra de Hermann Busenbaum* por Heitor Castanha Carreira discute as interfaces entre Direito e teologia no contexto do século XVII por meio da trajetória e produção do padre alemão jesuíta Hermann Busenbaum. *A narrativa da paixão de Cristo e o Sermões do P. Antônio Vieira: a iconografia dos mistérios dolorosos no forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Vila de São José del-Rei (c. 1820)* é a contribuição de autoria de Luciana Braga Giovannini e apresenta um estudo que aproxima as relações entre raça e as diretrizes do sermão do padre Antônio Vieira para que os fiéis à Nossa Senhora do Rosário praticassem uma devoção adequada à doutrina católica do contexto. Juliane Panozzo Cescon soma à edição 23 com seu artigo *Ensinamentos e aprendizados nas corporações de ofício em Portugal entre os séculos XVI e XIX na produção de azulejar* expõe o complexo processo da produção de azulejos arte transmitida no bojo das corporações de ofício.

Discutindo metodologia e refletindo sobre o fazer história Dionathas Moreno Bonavides colaborou com a Revista Temporalidades com seu artigo *Entre a História Intelectual e a Antropologia Histórica: possibilidades de aproximação* disserta sobre a primeira importância da interdisciplinaridade para o exercício da escrita histórica. Ainda no aspecto metodológico Adriano Cecatto em *A História Atlântica como possibilidade de abordagem metodológica para os estudos do Atlântico e o ensino de História* e aponta os usos possíveis da estabelecida História Atlântica para além de seu uso canônico.

Na chamada de artigos para o dossiê “Usos práticos do passado” evocamos o clássico trabalho de José Murilo de Carvalho *A formação das Almas* para refletirmos sobre como a representação de Tiradentes foi utilizada com o sentido de construir um herói nacional para a recém instaurada República. Ainda seguindo a esteira desse cânone, utilizamos a obra *A pátria* (1919) de Pedro Bruno para figurar como capa da Edição 23. José Murilo de Carvalho nos apresenta a conflituosa disputa entre os projetos do grande símbolo nacional e também do inconstante lugar da representação da República na figura da mulher.



A pátria – Pedro Américo 1919

A pátria, de uma certa forma, consegue agregar elementos reivindicados por grupos ortodoxos e positivistas. Na imagem, uma cena ambientada no espaço doméstico tem como mote um motivo público: a bandeira nacional. As mulheres preparam uma grande bandeira brasileira enquanto crianças confortavelmente repousam junto ao afago de suas mães. Chama atenção o número de crianças: quatro, em contraste com duas figuras de aspecto envelhecidas nos cantos da imagem, encurvadas nas sombras. Se de acordo com Fernando Catroga¹ a pátria como a paisagem afetiva se desenha como o lugar do nascimento dos pais, mas também busca sustentar sua transmissibilidade pela herança, a figura de crianças é muito adequada à obra de Pedro Bruno e condizente com o projeto político republicano à época.

Um dos usos do passado é justamente de delinear o futuro, apontar para uma direção considerada adequada. Na atual conjuntura, buscamos reinventar, usar e abusar do passado para

¹ CATROGA, Fernando. **Pátria, Nação, Nacionalismo**. In: Comunidades imaginadas: nação e nacionalismos em África. presented at the 2008. Coimbra, 2008.



fiar um projeto de um porvir marcado pela superação de desigualdades historicamente construídas e que colabore por um horizonte de investimentos na educação visto que os cortes nos orçamentos do Ministério da Educação sem deixar de manifestar nosso repúdio à extinção do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação no último ano e a sensível redução de bolsas e financiamento para pesquisa.

Nessa edição contamos com a organização da prof.^a Dr.^a Ana Paula Caldeira Sampaio, que trazendo um novo fôlego, recentemente ingressou no departamento de História da UFMG e de maneira brilhante convida a (o) leitora (o) a percorrer as páginas do dossiê preparado para esta edição. Ainda apontando para um futuro que desejamos, recebemos a especial contribuição do prof. Dr. Mauro Lúcio Leitão Condé também membro do departamento de História da UFMG, que endereça uma carta aos jovens pesquisadores da história da ciência. Este texto não poderia estar melhor alocado do que neste número de janeiro a abril, tradicionalmente organizado com enfoque nas temáticas pertinentes à teoria da história e história da ciência. Finalizamos esta edição de maneira triunfal com a rica colaboração do prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que por meio de sua entrevista nos leva a um importante balanço da historiografia brasileira discutida de forma didática e elucidativa. Ainda pautando o futuro, nos despedimos das funções editoriais da Revista *Temporalidades* e saudamos às novas conselheiras e conselheiros estimando longevidade e crescimento à Revista, trabalhando por um futuro próspero e de fecundas discussões.

Boa leitura!

Isabela Dornelas e Pedro Resende

Belo Horizonte, 31 de maio de 2017.

